

## DEFIGURANDO A HISTÓRIA, FIGURANDO SENTIDOS: A SAGA DAS IMAGENS EM JACQUES RANCIÈRE

### DEFIGURING HISTORY, FIGURING SENSES: THE SAGA OF IMAGES IN JACQUES RANCIÈRE

Bruno Vieira Leonel\*

Toda imagem é uma combinação de fragmentos narrativos. Cada fotografia, cada pintura agrupa em si intenções, sentido e impressões capazes de provocar novas sensações toda vez que alguém a vê. Toda imagem é uma mistura de tramas que provocam, que unem, que desconstroem, e que unem enquanto desconstroem. Não por acaso, cada imagem também carrega em si uma história paralela a respeito de uma narrativa oculta do que “poderia ter sido”, de um caminho alternativo não concretizado. Um desvio histórico deixado para trás, de forma intencional ou não.

É com uma análise sobre esses e outros temas ligados à historiografia das imagens que o autor Jacques Rancière debate preocupações a respeito do poder de representação e manipulação pictórica em seu livro *Figuras da história*. O trabalho, traduzido para o português no ano de 2018, compila dois ensaios do autor: “O inesquecível” e “Sentidos e figuras da história”. Os textos foram escritos originalmente em 1996 para a exposição “Face à l’Histoire” (Em Face da História), realizada no Centro Georges Pompidou, em Paris.

No primeiro ensaio, “O inesquecível”, o autor propõe uma discussão voltada principalmente ao cinema de memória (documental e de ficção histórica). Rancière define o cinema enquanto arte imediatamente romântica, especialmente em relação ao fascínio que provoca.

Além da própria intenção artística das obras, Rancière debate também o aspecto da objetividade (ou suposta neutralidade) que ferramentas como câmeras e lentes deveriam oferecer ao ato de registrar. Para ele, uma máquina não é capaz de fazer distinção entre pinturas de gênero e pinturas históricas, registrando obras grandes e pequenas da mesma maneira.

---

\* Jornalista e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Assim, a mídia e os dispositivos alinham todas as obras à mesma categoria, tornando-as amplamente expostas em uma mesma cena e instante. Relembrar é um processo que acontece sempre no agora, e em espaços como museus, séculos diferentes podem aparecer lado a lado.

Portanto, uma história de uma determinada época, uma história do tempo da história. Este nos assegura que todas as nossas desgraças decorrem da crença maléfica na história como processo de verdade e promessa de realização. Ele nos ensina a separar a tarefa do historiador (fazer a história) da miragem ideológica segundo a qual os homens ou as massas tiveram de fazer história. Mas será que essa separação cômoda não oculta o que faz a particularidade da nossa imagem: a maneira como os príncipes passando e a multidão deixada de lado compartilham a mesma luz e a mesma imagem? (RANCIÈRE, 2018, p. 17).

Esses processos apenas se intensificaram com o passar dos anos e com as novas tecnologias. Se em 1996 Rancière já observava extensas distorções nos processos historiográficos envolvendo imagens técnicas, o que seria possível avaliar dessas dinâmicas em relação a novos recursos reproduzidos hoje, em meios como a internet e os canais digitais?

Falamos das imagens convertidas em bits, dos catálogos armazenados em big data e de uma histeria crescente com as novas lógicas de arquivamento e de acesso à informação. Além do achatamento de diferentes eras, a digitalização permitiu o esmagamento de várias informações desses objetos, um aniquilamento do passado, uma prótese de contextos e um progressivo anacronismo da historicidade. Temos, hoje, amplo acesso às cópias, mas com uma visão nublada e limitada de seus índices e origens. Imagens nunca estiveram tão acessíveis, mas suas origens nunca foram tão ofuscadas.

A história das imagens hoje se perde em meio a uma grande torrente de informações, de bits e de *glitches* suspensos em nuvens digitais. Esses processos acabam interferindo nas nossas relações sociais, na forma como nos atualizamos sobre o mundo e até nas relações de consumo.

Para Rancière, essa ocultação de contextos seria proponente de uma “anistia” do registro em relação à intenção de seu criador, por mais discutível que ela se apresente inicialmente. Tal questão aparece especialmente ligada a contextos marcados por repressão e violência contra determinados grupos - o que fazer, por exemplo, com antigos textos (ou imagens) que tentam legitimar a escravidão e a violência contra certos povos?

A lógica com a qual imagens aparecem amplamente disponíveis, frequentemente, tem o poder de ocultar e até diluir preocupações maiores que seus criadores tinham sobre suas origens... como colocar obras de contextos distintos em um mesmo espaço, permitindo que cada uma delas conserve um pouco de todos os antecedentes que a influenciaram?

No segundo ensaio, “Sentidos e figuras da história”, Rancière se volta para a pintura histórica, desenhando uma linha do tempo desde Jacques-Louis David até nomes de escolas mais vanguardistas, como Kandinsky. O ensaio explora quatro sentidos que a história pode comportar e como eles se expressam na arte.

No primeiro, a história é coletânea do que é digno de ser guardado na memória. Para o segundo, no quadro, um momento específico e significativo da ação prende a atenção - logo, o autor conceitua o próprio quadro como história. Portanto, a relação estabelecida com certas imagens e obras de arte, muitas vezes, é o que determina se elas atravessarão décadas, séculos, ou se ficarão no esquecimento.

O terceiro sentido se refere à garantia de influência que a história conseguiu obter em relação a outras formas de registro; o quarto sentido fala sobre a história não ser meramente uma “potência de excesso do sentido”. O autor fala sobre a história, em situações nas quais ela remete a forma, a matéria da qual ela emerge e o gesto que a extrai dela. A história se cria à medida que eventos e dinâmicas histórias se criam, no entanto, abordagens posteriores ou “julgamentos” de sentido a respeito destes eventos, não necessariamente cabem à figura do historiador, logo, ele propõe uma abordagem mais horizontal e democrática dessa leitura histórica. O tempo da história é aquele em que qualquer pessoa/lugar faz história e se torna um testemunho dela.

A história se mostra banalmente, maravilhosamente como a matéria-prima na qual se destacam tanto os jogos de luz na água como os jogos de sedução nas margens, as canoas ou os terraços ensolarados, como o princípio vivo da igualdade de todos os temas debaixo do sol (RANCIÈRE, 2018, p. 61).

O livro apresenta também um extenso acervo de referências a documentários historicamente significativos que dialogam com os processos citados, alguns muito emblemáticos, como Shoah (1985) - documentário de Claude Lanzmann, com mais de nove horas de duração, que apresenta depoimentos de sobreviventes do holocausto nazista da Segunda Guerra Mundial. Amplamente coberto pela mídia e fruto de extensas

discussões historiográficas, o nazismo é talvez um dos fenômenos que, especialmente, mais sofre interferências dos processos discutidos no livro.

Toda imagem é uma combinação, e assim como toda combinação, resulta em novos sentidos, figuras e discórdias que sequer foram considerados pelos autores no momento de concepção da obra. Esse processo é observado nas primeiras tentativas de simbolismo com as pinturas rupestres, ocorreu com obras sacras, na Idade Média, com quadros vanguardistas... e provavelmente acontecerá com futuros leitores deste texto. A história segue.

## REFERÊNCIAS

RANCIÈRE, Jacques. *Figuras da história*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

Artigo recebido em: 13/09/2019

Artigo aceito em: 03/08/2021